



Por uma cultura de paz

**145. RedeUnaViva: Meditação Cristã 145 – paragem 6-412 –
25.06.2017**

JOÃO 8:12-20

A LUZ VIVA

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a auto declaração do Cristo: “Eu sou a luz do mundo”?
2. Em que diferencia o testemunho do Cristo para o dos seres humanos?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como olhar para o Cristo e ver a ele e o Pai?

145.1 Introdução: A luz da vida no templo.

Após a magnífica lição da mulher adúltera, Jesus adentra mais o Templo indo divisar a Câmara do Tesouro, lugar para o donatário público, e profere o discurso da Luz do Mundo. Parece ser um lugar com significado especial, já que de outra feita retirará, de um episódio trivial que ali acontece, referência para demonstrar o funcionamento da balança de Deus – trata-se de “o óbolo da viúva”, que ficará para ser explanado noutra ocasião. Depois de humilharem a mulher adúltera com a intenção de vê-lo fraquejar, tiveram os fariseus que se render à sabedoria do Mestre e se retirarem do seu círculo íntimo.

Agora, na presença dos apóstolos, do povo que o admirava e dos fariseus que voltavam à carga com a perseguição, toma a iniciativa de deixar na Casa, consagrada pela tradição judaica como a de Deus, outra marca da sua sacrossanta condição.

Os nove versículos, que ora nos ocuparemos, se apresentam como a segunda passagem do capítulo oito do Evangelho de João, cujo estudo iniciamos na semana passada.

Dessa vez, o Mestre ensina sobre a luz, sobre o testemunho e, principalmente, revela sua identidade singular de forma auspiciosa. Não é destituído de significado transcendente o fato de a epifania espiritual ser denominada de *Iluminação*. A palavra vem do termo latim *lúmen*, que significa luz. Iluminar-se é encher-se de luz, ou seja, dar mostras da sua verdadeira natureza. Para fazer aparecer a condição luminosa é



Por uma cultura de paz

necessário deixar vibrar aquilo que é, sem que barreiras materiais impeçam seu livre curso. O Cristo já havia demonstrado sobejamente essa sua realidade no episódio da Transfiguração, no monte Tabor (MC-119). Agora, ele usava o recinto íntimo do Templo para proclamar aquilo que Pedro, Tiago e João já haviam presenciado. Vejamos.

145.2 Evangelho-parte 1: O Cristo é a luz do mundo. (João)

João 8:12
12. Então Jesus falou-lhes de novo, dizendo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida"

1. Tendo ido a outro ambiente do Templo, iniciou nova prédica: "eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida".

145.3 Evangelho-parte 2: A diferença entre o testemunho do Cristo e o dos fariseus. (Jo)

João 8:13-15
13. Disseram-lhe pois os fariseus: "Tu dás testemunho de ti mesmo: teu testemunho não é verdadeiro".
14. Respondeu Jesus e disse-lhes: "Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou; mas vós não sabeis donde venho nem para onde vou
15. Vós escolheis segundo a carne eu não escolho ninguém.

2. Retrucaram-lhe os fariseus: "teu testemunho não é verdadeiro, porque não há um segundo a confirmar tua afirmação. Tu dás testemunho de ti mesmo".

3. Replica Jesus: "meu testemunho é verdadeiro porque sei quem eu sou – de onde vim e para onde vou. Eu tenho o conhecimento.

4. A norma do testemunho de um segundo é válida para vós que não sabeis quem sois – de onde viestes e para onde ides. Vós estais perdidos sem saber o que quereis.

5. Vós sois os que escolhem e escolheis segundo a carne, escolheis de acordo com vossas necessidades.

6. Eu não escolho ninguém".

145.4 Evangelho-parte 3: A lei escrita para os seres humanos (Jo)

João 8:16-18
16. E se escolho, minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas eu e quem me enviou,
17. e na vossa lei foi escrito que o testemunho de dois homens é a verdade.
18. Eu sou o testemunho de mim mesmo e o Pai que me enviou testifica a meu respeito".



Por uma cultura de paz

7. Continuou: “E se escolho, minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas sou um com quem me enviou.
8. A lei escrita é para vós que necessita do testemunho de dois homens para afirmar a verdade.
9. Ao contrário, eu sou o testemunho de mim mesmo porque o Pai que me enviou testifica a meu respeito”.

145.5 Evangelho-parte 4: O Pai está no Cristo assim como o Cristo está no Pai. (Jo)

João 8:19-20
19. Eles lhe perguntaram: "Onde está teu Pai"? Respondeu Jesus: "Não vedes nem a mim nem a meu Pai. Se me vísseis, também veríeis meu Pai".
20. Proferiu essas palavras na câmara do tesouro no templo; e ninguém o prendeu porque ainda não chegara sua hora.

10. Mirando no pai terrestre, indagaram: “Onde está teu pai”?
11. Esclareceu o Mestre: “não vedes nem a mim nem a meu Pai. Se me vísseis, também veríeis meu Pai”.
12. Proferiu tais ensinamentos na vizinhança da câmara do tesouro no Templo, e ninguém o prendeu porque sua hora ainda não chegara.

145.6 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a auto declaração do Cristo: “Eu sou a luz do mundo”?

Terminada a abertura do Sermão do Monte, ou seja, as bem-aventuranças, em que apresentava a condição diferenciada dos seres humanos, o Cristo passou a enaltecer algo precioso em nós, desde que aí a essência crística fosse reconhecida e iniciasse sua manifestação. Falou do “sal da Terra” e exaltou a “luz do mundo”.

Ao proferir as bem-aventuranças, asseverou que aqueles situados no extremo passivo, devido à cobrança cármica da vida – os que choram e os que têm sede de justiça – seriam consolados e justificados, enquanto os ativistas do extremo oposto – os misericordiosos e os pacificadores – traziam consigo imenso galardão porque as forças da misericórdia e da paz os promoveriam à condição de Filhos de Deus. No entremeio, localizou a singela marca dos que seriam muito bem admitidos à causa da Boa Nova – os simples, os harmoniosos e os puros –, não apenas por já ser deles o reino dos céus, mas devido à experiência divina que já os habilitava a herdar a Terra. Farão dela um grande jardim celestial.

Na sequência, muda o ritmo e entra na segunda parte, apontando para as duas condições lapidares – “o sal da Terra” e “a luz do mundo”.



Por uma cultura de paz

“Vós sois a luz do mundo” – sim, disse isso de nós. Complementou destacando que a luz posta na altura não tem como passar despercebida. Dedução imediata: nós, os cristófilos, deveríamos ser como a vela no castiçal, que colocada no alto clareia todo o recinto. É da nossa responsabilidade. Faz parte do nosso serviço. Disse isso lá atrás, para acrescentar seu sinônimo agora: “Eu sou a luz do mundo”.

Comparemos “vós sois a luz do mundo” com “eu sou a luz do mundo”. São iguais.

Ele que tinha dito possuir a Água Viva, que bebida impede o retorno da sede a quem a tenha sorvido, ele que se apresentara como o Pão Vivo, capaz de dotar de vida imanente a quem o tenha ingerido, identifica-se agora, como a Luz Viva, que alumia todos os caminhos de quem quer que o siga.

Na atualidade, tendo a civilização construído usinas hidroelétricas que permitem o afastamento da escuridão em, praticamente, todas as circunstâncias indesejáveis, a metáfora perde a força de impacto própria para aqueles tempos. Uma noite de lua nova, por exemplo, sem o auxílio do fogo, era um tempo de breu total. Quem já passou por tal experiência sabe que cada passo seu é perigoso, caso não conheça o caminho. E a ameaça de qualquer espécie que vem de fora cresce, fica terrivelmente aumentada por conta do medo. Deslocar-se em tal circunstância se torna um movimento penoso. Muito menor do que aquele do cego que aprendeu a ver com os outros sentidos.

Essa condição, transposta para o campo da espiritualidade, traz à mente a benesse trazida por Jesus, tanto para o plural quando nos identifica como a luz do mundo, quanto para o singular quando ele é a luz. Quem o segue, entende suas lições e as adota como norma, enxerga o caminho e sabe ir pela trilha certa, porque o divino *lumineiro* clareia a estrada. E todos aqueles que o seguem conectam a fiação da sua lanterna na usina prodigiosa de luz – o Cristo em nosso coração.

Ser luz é se tornar a luz que já somos, mas impedida de vazar em decorrência exclusivamente do teor dos pensamentos e sentimentos cultivados. O trabalho de iluminação é intenso porque, para que a luz brilhe, é necessário retirar as camadas opacas que se estruturam em volta da centelha divina acesa em nosso imo. Essas capas são mantidas pelos padrões de ego. Desde que colocamos o pé fora da cama, para falar apenas da mente consciente, eles já nos acossam brigando pelo seu domínio. Em contrapartida, o trabalho de iluminação é árduo, demorado e custoso, pois pede vigilância da mente o tempo todo. Somente assim a personalidade cede, esvaziando o centro da consciência para que o Ser se apresente.

Se o sentir for do ego, não pense. Não o alimente com ideias paralelas ou confluentes. Se pensar, não fale ou atue. Mas não apenas se reprima. Trabalhe para a purificação do regato poluído que flui pela alma, para que suas águas voltem à pureza original da fonte primeira de onde nasce.



Por uma cultura de paz

2. Em que diferencia o testemunho do Cristo para o dos seres humanos?

Toda essa diferença se resume nos conceitos de unidade-dualidade, sustentados pelo sistema transpessoal – assim pode ser tratada. Guardam esses conceitos intimidade com os termos trazidos por Jesus. Ele se proclama “o Filho do Homem”, reservando a nós, exemplificado no comentário aludido a João Batista, o epíteto de “os filhos de mulher”. Quando fala de si usa os termos “uno”, “único”, “um”, tal como “O Pai e eu somos *um*”. A nós, dedica a referência de pluralidade, encontrada em várias passagens, como nessa que estudamos agora.

Tal abordagem numérica está presente na tradição taoísta, que aplica o termo *Tao* para o incomensurável, aquilo que nenhuma palavra ou conceito consegue alcançar – tudo a ver com o Deus, a quem nem mesmo um nome se deve usar para referenciá-lo. O *Tao*, quando se manifesta, parte em dois, que são concomitantemente opostos e complementares, *oyin* e o *yang*. Esta primeira dualidade quando multiplicada cria *as dez mil coisas existentes*. Para a comparação que nos interessa, o *Tao* é a unidade, e o *yin* e o *yang*, a dualidade. Não nos aprofundaremos em outras similitudes.

As palavras Totalidade e Absoluto acompanham a palavra Unidade, e compõem respectivamente com suas opostas, Parcialidade, Relatividade e Dualidade, os planos relativos à condição iluminada do Cristo e a nossa, humana. O primeiro plano diz respeito ao Espírito puro, e o segundo, ao Espírito comprometido carmicamente, que precisa da reencarnação. É daqui que surge a expressão “filhos (nascidos) de mulher”, em oposição ao “Filho do Homem”. Notemos: uns se afeiçoam à pluralidade, cuja base é a dualidade, o outro, à unidade. Uns, à ilusão, os outros, à verdade.

Quem é iluminado – com luz própria manifesta – possui a prerrogativa de testemunhar por si, por trazer consigo a verdade. Não tem interesse algum em mentir ou iludir. Procede assim quem precisa distorcer a realidade, ou para se beneficiar com algum privilégio ou para esconder atos ilícitos assumidos com tal propósito.

Nós, humanos, podemos muito bem ver a intensidade da nossa fraqueza mediante a “necessidade” de mentir, de distorcer, de *arrumar* os fatos. Já que tal condição nos pertence, a lei usou o recurso do testemunho para reforçar a descrição da pessoa sobre a ocorrência. Não será apenas uma a declarar que a coisa se passou de determinada forma. Serão duas, ou mais que duas. Disse o poeta: “sonho que se sonha só é só um *sonho* que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é *realidade*”. De novo, a diferença entre sonho e realidade, entre ilusão e verdade, com base na referência numérica, do *dois-e-um*, afinada com a exposição do Cristo.

Responde ele, não precisar de um segundo a ratificar sua afirmação. Primeira justificativa: eu sei de onde vim e para onde vou. Isso toca a questão filosófica abordada por muitos pensadores ao longo da história – “de onde viemos, onde estamos e para onde vamos”. A sabedoria do Cristo dá conta da questão. A nossa



Por uma cultura de paz

ignorância, não. Segunda justificativa: nós somos entes espremidos pela necessidade de fazer escolhas. É fácil verificar tal assertiva. Quantas escolhas cada um de nós fez hoje para estar aqui, agora. Outros fizeram escolhas diferentes. Uns usufruem benfazejos momentos em decorrência de suas escolhas felizes, outros padecem horrores por causa de escolhas equivocadas. De novo, estamos diante da dualidade, própria ao uso do livre-arbítrio. Escolhemos uma entre, pelos menos, duas opções. Ele, o Cristo, não escolhe. Não escolhe algo ou alguém para lhe conferir prazer pessoal, como nós o fazemos. O que faz, pode até parecer ser escolha por quem o assistiu em ação, mas não é. Por exemplo, ao escolher os apóstolos, não o fez por preferência pessoal, não o fez como parte de um jogo conhecido: “eu te escolho para isso, você me escolhe para aquilo” – troca de favores. Ao escolher vir à Jerusalém durante a Festa dos Tabernáculos, não buscou satisfazer a tradição ou um gosto próprio. Tanto num quanto noutro caso, escolheu em decorrência de sua unidade com Deus. É o que declara: “Minha escolha é verdadeira porque não sou só, mas estou em sintonia íntima com aquele que me enviou”. Quando disse isso, se referindo ao Pai, deu margem que o pensassem enquadrado na condição deles, dos fariseus, pois confundiram o Pai celestial com o pai terreno querendo logo saber onde estava o pai-José, para que lhe servisse de testemunha, tal como exigia a Torá. Preciso explicar que se não o vissem como o Messias, não veriam Deus nele. Ao contrário, todo aquele que o vê como o Cristo, vê Deus nele, como em si também.

A escolha de quem se encontra em sintonia fina com o Pai não é sua, mas do Pai. Essa marca confere abertura para que em qualquer situação da vida, o sujeito esteja em acordo com o que a vida lhe pede. Não escutará qualquer clamor pessoal em si, pois não há resquício de pessoalidade nele. Escutará a voz de Deus lhe pedindo que faça aquilo que precisa ser feito – seja para escolher aqueles apóstolos ou para ir à Jerusalém, para subir o monte das Oliveiras ou para retornar ao Templo, para discursar ou curar. E sua unificação com o Pai permite que o que precisa ser feito se realize.

Esta é a compreensão de porque o Cristo não precisa de testemunha para corroborar sua fala, enquanto, nós, humanos e fariseus, sim.

145.7 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como olhar para o Cristo e ver a ele e o Pai?

Sei que tu és, Divino Amigo. Tu és um e um com o Pai. Quero olhar para ti e ver como realmente tu és, porque assim verei Deus.

Ensinaste que é próprio dos puros ver Deus, e desde então aprendi que tenho de tirar a trave do meu olho, excluir a jaça que me adentrou o espírito, impedindo-me de olhar sem preconceito ou obrigando-me a ver minhas nódoas em projeção. Se não, tu que és puro, refletirá a mísera realidade com que, de ordinário, me debato.

Se não me desfizer dos julgamentos personalistas verei sempre o outro com aquilo que carrego dentro. Se o outro for deficitário como eu, talvez justifique o visto



Por uma cultura de paz

como próprio dele e não meu. Mas, e se o outro fores tu, a sétima estrela de Davi que desceu para alumiar nossa estrada? Como dizer que a mazela vista a ti pertence? Se fui portador deste julgamento descabido em época remota, graças rendo ao Pai, por já não alimentar a mínima receptividade para sua prevalência agora.

Vejo-te como enviado de Deus, aquele que pode me dizer, com a mais profunda lógica, as leis do amor, sustentáculo da vida. Assim, tu és o Pai encarnado, por me traduzi-lo na sua mais ampla justiça. Por me apresenta-lo como razão por que giram as galáxias, como causa do perfume que a flor exala, e como o móvel do sorriso com que a terna mãe abraça seu rebento. Até mesmo o mais celerado dos homens guarda a mesma chama divina, exuberante em ti. E é por isso que, enquanto os seus iguais (do criminoso), acreditando serem distintos, teimam por puni-lo e matá-lo, tu te rumas em sua direção para assisti-lo com desvelo.

Hoje consigo entender o teu ensino do Pão Vivo. Preciso, sim, comer da tua carne, pois que és comida que veicula o sagrado, e beber do teu sangue, pois que é bebida com teor de vida, para saborear a essência que é Deus em ti, para que tu te tornes imanente em mim.

Retenho a mais nova lição, a grandeza da Luz Viva. Quero, então, te seguir as pegadas como quem segue tuas palavras e gestos, luz capaz de fazer ressoar a mesma chama que, ainda fraca, pisca em mim.

Assim, ser contigo um, tal como tu és um com o Pai. Vejo-te assim, porque igual começo a me ver.

145.8 Versículo(s) para a meditação: João 8:12.

Então Jesus falou-lhes de novo, dizendo: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue, de modo algum andará nas trevas, mas terá a luz da vida"

RedeUnaViva: Meditação Cristã 146 – paragem 413 – 02.07.17
JOÃO 8:21-30